

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA EM LICENCIATURA**

**ALANIA DA SILVA FERNANDES**

**ESCOLA E CORPOREIDADE: CONTRADIÇÕES.**

**Maceió  
2019**

**ALANIA DA SILVA FERNANDES**

**ESCOLA E CORPOREIDADE: CONTRADIÇÕES.**

**Artigo Científico apresentado ao colegiado do curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas como requisito Parcial para obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)**

Orientador/a: Prof.º Dr. Walter Matias Lima

Maceió  
2019

**ALANIA DA SILVA FERNANDES**

**ESCOLA E CORPOREIDADE: CONTRADIÇÕES.**

**Artigo Científico apresentado ao colegiado do curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas como requisito Parcial para obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)**

Artigo Científico defendido e aprovado em: 10/12/2019

**Comissão Examinadora**



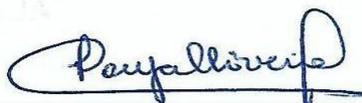
---

Examinador/a 1- Presidente  
Prof. Dr. Walter Matias Lima



---

Examinador/a 2  
Profa. Dra. Elza Maria da Silva



---

Examinador/a 3  
Profa. Dra. Iralde Correia de Souza Oliveira

# **ESCOLA E CORPOREIDADE: contradições**

**ALANIA DA SILVA FERNANDES**

## **RESUMO**

Este artigo enfoca o corpo das crianças na educação infantil, mostra como a falta de conhecimento das(os) professoras(es) acerca das expressões corporais das crianças prejudica o ensino e a aprendizagem dos primeiros anos de escola, apresenta que muitos educadores os rotulam como indisciplinados, em virtude de que os mesmos, em sala de aula, gostam de atividades que envolvam o corpo evidenciam, a negação e o silêncio corporal como um dos problemas em que os alunos enfrentam em virtude de uma prática pedagógica voltada apenas para o ensino de escrita e leitura, tornando o ambiente escolar um lugar onde as crianças não se sentem bem porque estão sendo impedidas de realizar atividades corporais, uma vez que isso é próprio desta fase de suas vidas, fazendo com que as levem a agir de forma contrária ao que o professor espera e, por conseguinte, sendo taxados de indisciplinados. A pesquisa tem por objetivo realizar um estudo bibliográfico acerca da indisciplina escolar associada à negação do corpo e justifica-se pela busca em promover a reflexão e uma maior compreensão sobre a aplicabilidade da metodologia tradicional por parte de professoras(es) no processo de ensino e aprendizagem das crianças, inviabilizando o desenvolvimento da linguagem corporal. A metodologia usada consiste no levantamento bibliográfico baseados no pensamento de Figueiredo e Galvão, destacando a sua proposta transformadora do ambiente escolar, auxiliados por textos complementares, propondo às instituições acadêmicas uma formação voltada para preparar os professores para saberem desenvolver atividades corporais em sala de aula, tornando o ensino mais eficaz.

**PALAVRAS-CHAVE:** Corpo; Indisciplina; Negação do Corpo; atividades corporais; professores.

## 1. INTRODUÇÃO

Refletimos, segundo nossa investigação, acerca da indisciplina escolar e suas contradições. O estudo pretende possibilitar aos pedagogos a reflexão sobre a importância da realização de atividades escolares que promovem o desenvolvimento das expressões corporais das crianças, visto que se configuram como aspectos fundamentais para que a espontaneidade e a criatividade das mesmas possam se manifestar.

A pesquisa tem por objetivo realizar um estudo bibliográfico acerca da relação entre indisciplina e sua negação do corpo que se justifica pela busca em promover a reflexão e uma maior compreensão sobre a aplicabilidade da metodologia tradicional por parte de professoras (es) no processo de ensino e aprendizagem das crianças, inviabilizando o desenvolvimento da linguagem corporal. Assim, o estudo pretende possibilitar ao processo de formação docente o conhecimento sobre as expressões corporais das crianças como aspectos fundamentais para que a espontaneidade e a criatividade das mesmas possam se manifestar.

Tendo observado que tal tema é pouco debatido no meio educacional e os que dele tratam ainda é pouco disseminado, o estudo busca referências pertinentes ao tema em estudiosos que tratam da negação do corpo no ambiente escolar por meio das abordagens realizadas por Figueiredo (2009), Galvão (2004) e outros que concebem o corpo como local de aprendizagem, levando em conta a condição em que ele se encontra na escola. Este entendimento se caracteriza pela reinvenção e ressignificação do local do corpo no ambiente escolar e na educação.

É corriqueiro que no mundo hodierno a indisciplina é uma das reclamações de professores na sala de aula, principalmente na educação infantil. Muitos educadores se estressam em ver crianças que falam a todo o momento, que não conseguem ficar sentadas e, por não saberem agir diante dessa situação começam a coloca-las de castigo e a reclamar. Por este motivo pretende-se mostrar que a indisciplina escolar pode estar relacionada à negação do corpo no espaço escolar, e assim, afetando a aprendizagem da criança.

No decorrer deste artigo tem-se a pretensão de investigar as consequências no âmbito escolar da radicalização da indisciplina escolar e a sua relação com a supervalorização do intelecto em detrimento da experiência e da sensibilidade. Para

isto se faz necessário analisar a indisciplina escolar como negação do corpo, analisar o espaço escolar como descontinuidade da realidade vivida da criança (Figueiredo, 2009) e estabelecer o entendimento de que o corpo é local de aprendizagem e não pode ser caracterizado como supérfluo ou como excesso.

A luz do pensamento de Figueiredo (2009) mostra-se que a concepção de negação do corpo pode acarretar ou desencadear a indisciplina no espaço escolar visto que as atividades realizadas em sala de aula não possibilitam a utilização do corpo (escrita e leitura), fazendo com que a ausência do mesmo no espaço escolar favoreça para não aprendizagem da criança. É neste sentido que se aprende com o corpo todo e isso é fundamental para o entendimento sobre o mundo e essencial na produção de conhecimento. Por conseguinte, se pressupõe que o corpo é o lugar onde a educação e o ambiente escolar devem se apropriar e experimentar.

Para o desenvolvimento deste trabalho, foi utilizado uma abordagem qualitativa, tendo como objetivo central apresentar os entraves oriundos da negação do corpo e seus reflexos no ambiente escolar. Utilizou-se de pesquisa bibliográfica a partir da leitura de autores que desenvolveram estudos que estejam situados dentro das perspectivas supracitadas.

Este artigo foi produzido em quatro tópicos para a melhor compreensão deste estudo: Inicialmente se faz uma abordagem pautada nas atividades que usam o corpo e não são valorizadas na escola formal visto que nas instituições de ensino as brincadeiras e os jogos não são valorizados porque acredita-se que não há lugar para a cultura infantil; em seguida aborda o silêncio corporal que consiste na utilização de atividades em sala de aula que não usam o corpo, silenciando a linguagem corporal-verbal; no terceiro é explanado acerca do clima de tensão, proibição dos movimentos e outros equívocos nas práticas que mostra o quanto as brincadeiras na sala de aula são importantes para aprendizagem dos alunos porque as atividades supervisionadas pelos professores geram uma tensão muito grande uma vez que são baseadas na escrita e leitura de conteúdo, necessitando de atividades que descarregam sua tensão motora; já no último tópico trata-se da corporeidade do sujeito como sinônimo de indisciplina que apresenta o modelo tradicional de ensino sendo disciplinador do corpo de forma que quem fugir das normas estabelecidas é indisciplinado, fazendo com que a escola descorporeifique o sujeito com a ideia de que o movimento corporal atrapalha o desenvolvimento da aprendizagem. As considerações finais constam a conclusão

deste artigo, apresentando a necessidade de incluir na formação de professores do ensino infantil o conhecimento acerca de atividades que envolvam o corpo para a construção de uma educação de qualidade.

## **2. ATIVIDADES QUE USAM O CORPO NÃO SÃO VALORIZADAS NA ESCOLA FORMAL**

No modelo escolar atual o que se vê são instituições que não valorizam as brincadeiras, os jogos e outras atividades que envolvem o corpo por achar que na escola não há lugar para a cultura infantil. O próprio Figueiredo afirma que “a escola, ao negar essas atividades, nega também o corpo concreto das crianças: seus conhecimentos, movimentos, ritmos, percepções, linguagem” (2009, p. 13).

Neste sentido, pode-se entender que as crianças quando estão nas suas casas brincam, jogam e certamente apreendem com estas atividades. Uma prova disso é que, por exemplo, quando os meninos jogam bola, se divertem e apreendem as regras, a tocar a bola para o colega fazer o gol etc. Todavia, quando as crianças chegam na escola infelizmente estas atividades são mais escassas porque se pensa que neste ambiente deve ser apreendido apenas conteúdos que estão voltados as ciências humanas, ciências exatas, fazendo com que a própria corporeidade seja negada. “É mais: ela passa a ser violentada, através das longas horas que fica imobilizada na sala de aula” (Figueiredo, 2009, p. 13). Tudo isto porque os professores muitas vezes não têm esse conhecimento.

De fato, tem-se a intenção de trazer à tona este debate a fim de que se possa reavaliar este modelo de ensino e se constate que o mesmo não pode ser mais usado na atualidade vista que muitos estudiosos apresentam que o ensino para crianças deve ser dinâmico, isto é, deve favorecer o uso do corpo nestas atividades escolares. Imagine uma criança que tinha o tempo todo em casa para brincar, jogar, correr, e quando chega à escola tem que passar o tempo todo sentada, fazendo tarefas escritas. Sem dúvida, ela vai ter um choque e obviamente não vai obedecer ao professor. É só voltar um pouco para quando era criança. Qual foi a primeira impressão? As crianças gostam de passar o tempo todo sentadas? Elas tentavam andar na sala de aula? Conversavam? Queriam brincar com os colegas na sala de aula? Estas perguntas podem traduzir muito bem o que elas sentiam: estavam

naquele ambiente obrigadas porque na verdade queriam estar brincando sem ter alguém que as impedisse e dissesse que deveriam se comportar.

Os professores no mundo hodierno sem terem conhecimento estavam silenciando o corpo em fazer aquelas atividades. Além de que os próprios pais, movidos por uma cultura capitalista, cobram das crianças que se comportem na escola, obedecendo a este modelo de aprendizado a fim que os seus filhos tenham emprego futuramente para ganhar dinheiro.

Clarice Cohn fala acerca da criança atuante:

A criança atuante é aquela que tem um papel ativo na constituição das relações sociais em que se engaja, não sendo, portanto, passiva na incorporação de papéis e comportamentos sociais. Reconhecê-lo é assumir que ela não é um “adulto em miniatura”, ou alguém que treina para a vida adulta. É entender que, onde quer que esteja ela interage ativamente com os adultos e as outras crianças, com o mundo, sendo parte importante na consolidação dos papéis que assume e de suas relações. (COHN 2005, p. 17).

Concorda-se com Clarice quando fala que a criança não é um adulto em miniatura nem tampouco é alguém que treina para ser adulto, pois ela tem um período muito próprio, isto é, uma vida em que a espontaneidade, o riso, a sinceridade se apresentam de forma tão bonita. Infelizmente a nossa cultura está tirando da criança à oportunidade de bem viver esta fase. Às vezes os adultos por não compreender este universo quase não as deixam brincar porque elas têm que apreender a escrever, a contar etc. Muitas vezes os pais e os professores dão muita responsabilidade as crianças como que se fossem adultos e, no entanto, são apenas crianças. Como por exemplo: às vezes já desde pequeno tem que ir de manhã para a escola, a tarde fazer as tarefas, depois aula de língua Inglesa etc. Isto tudo para que quando esta criança for adulta possa ter um emprego que ganhe muito dinheiro.

## **1. O SILÊNCIO CORPORAL**

Figueiredo (2009) mostra que o ser humano tem dificuldade em falar sobre o corpo porque muitas vezes esquece ou até mesmo são levados a esquecer o que são, que as atividades, comunicação, atitudes ocorrem por ele e com ele. Isto porque a cultura do silêncio foi impregnada em nossa sociedade. Veja: “A escola silencia a ação corporal-verbal que não esteja de acordo com as normas estabelecidas.”

(FIGUEIREDO, 2009, p.20). E este modelo de educação faz com que as pessoas se tornem obediente, passivas, submissas para aceitar essas situações e não questionar.

Outro aspecto que deve ser observado é que os alunos em sala de aula são ensinados a fazer atividades mecânicas como ler e escrever e, por conseguinte as mesmas não despertam a curiosidade e a criatividade. Deste modo, elas acabam apenas reproduzindo conteúdos que são passados em sala de aula e não desenvolvem a capacidade de criticidade, isto é, são ensinados a aceitar tudo aquilo que o professor ensina sem questionar. Assim, o professor seleciona o que deseja ensinar, todavia se o aluno se recusar a realizar as atividades propostas é considerado como aluno indisciplinado e é submetido a punições. O modelo de educação atual ensina apenas conteúdos que visem preparar para o exercício de uma profissão, ou melhor, de produção, pois até os pais dizem que querem que o filho frequente a sala de aula para ter uma profissão que dê dinheiro, todavia este modelo escolar não forma para a vida porque infelizmente há o treino de ser ensinados a resolver somente questões acadêmicas e muitas vezes não estão preparados para enfrentar os desafios da vida.

Concorda-se com Freire quando fala que:

“Os educandos são transformados em seres passivos, que recebem os conteúdos, os conhecimentos, de forma autoritária: muitas vezes impostos pelas Secretarias de Educação às escolas, que, por sua vez, os impõem aos professores, e estes aos alunos, de maneira completamente desvinculada da realidade daqueles a quem se destinam” (FREIRE, apud FIGUEIREDO, 2009, p.20)

É imprescindível compreender que o ensino deve proporcionar aos alunos uma formação voltada para o desenvolvimento de todas as dimensões humanas desde ao conhecimento do próprio corpo até a capacidade cognitiva. É por este motivo que a educação escolar deve levar em conta a realidade do aluno, trabalhando atividades que visem vincular o mundo que eles estão inseridos.

A passividade se expressa no corpo, pois é por meio dele que pode-se experienciar o mundo, conhecê-lo e quando a escola não possibilita o uso do corpo em suas atividades faz com que os alunos sejam disciplinados, controlados nesse sistema passivo e, conseqüentemente fazendo com que sejam impostos as crianças pensamentos, ritmos, posturas e movimentos padronizados. É preciso que se haja uma mudança nas escolas na forma que constrói o saber. Neste sentido, concorda-se com Silva (1987) quando diz que “na escola para a transformação, terá que existir

liberdade de movimentos, de expressão, de exploração de material concreto, de convívio grupal, de vivência do corpo” (SILVA, apud FIGUEIREDO, 2009, p. 21) e como diz Freire que o professor deve partir do vocabulário do aluno, o educador transformador deve partir do conhecimento corporal concreto de seus alunos. (FREIRE, apud FIGUEIREDO, 2009, p. 21)

Outro ponto de grande importância é como se dá as brincadeiras das crianças fora do cotidiano escolar. Desta forma, Leal em suas experiências com alfabetização em uma escola na favela da Rocinha/RJ observou que:

As brincadeiras das crianças são uma de suas principais manifestações espontânea. Através delas, articulam todo o seu universo: os seus desejos, a sua sexualidade, o seu desespero, a vida e a morte. Constatou ainda que: enquanto na favela elas conseguiam se organizar para brincar e jogar, mas na escola não conseguiam fazer o mesmo. (LEAL, apud FIGUEIREDO, 2009, p.21)

Todavia observa-se que as crianças no recreio são capazes de se organizar nas brincadeiras e jogos seguindo regras estabelecidas. Já na sala de aula elas não conseguem se organizar como no recreio porque o professor centraliza todas as decisões, impedindo assim que elas exercitem seus conhecimentos, decidam e se organizem. Vale ressaltar aqui algo muito importante sobre a brincadeira na vida das crianças.

Oliveira (1984) afirma que:

Enquanto para o adulto brincar significa entreter-se com coisas amenas, esquecer, ainda que de maneira passageira, as desilusões e momentos de tensão, a criança, através do brinquedo, faz sua incursão no mundo, trava contato com os desafios e busca saciar sua curiosidade de tudo conhecer. No brinquedo infantil, práticas e interpretações sociais estão representadas, e sua análise nos propicia uma incursão nos problemas econômicos, sócios culturais e políticos existentes em nossa sociedade. (OLIVEIRA, apud FIGUEIREDO, 2009, p.21)).

Concorda-se com Oliveira quando fala que, a criança, através do brinquedo, faz sua incursão no mundo, trava contato com os desafios e busca saciar sua curiosidade de tudo conhecer, pois é essencial que a criança tenha espaço para se descobrir, em contato consigo e explorando o entorno. A criança aprende a tomar decisões, a compreender melhor os valores de sua cultura, a entender a cultura de seus parceiros, fazer combinados, lidar com situações de ganhar e perder, enfim, a se fazer respeitar e a respeitar o próximo. É importante também ressaltar que o

brinquedo, visto como objeto, como suporte da brincadeira, permite à criança criar, imaginar e representar a realidade e as experiências por ela adquiridas. Proporciona a criação e também é fruto da sua imaginação, é a partir do brincar, que a criança aprende a agir.

## **2. CLIMA DE TENSÃO, PROIBIÇÃO DOS MOVIMENTOS E OUTROS EQUÍVOCOS NAS PRÁTICAS.**

Galvão (2004), em sua obra “Cenas do cotidiano escolar: conflitos sim, violência não” aborda os conflitos e dificuldades sobre a contenção motora e os movimentos, encontrados em sua experiência como professora da pré-escola e de ensino fundamental.

A autora mostra que geralmente o conflito é tido como algo pejorativo para a sociedade, todavia ela afirma que “o conflito é necessário à vida, inerente e constitutivo, tanto da vida psíquica, como da dinâmica social”. (Galvão 2004, p. 15). Desta forma, o mesmo é positivo, mas os meios de resolução podem gerar a violência. É por este motivo que se acredita que os conflitos ajudam no aprendizado já a violência destrói o outro. A cena que será apresentada mostra o quanto o discurso dos educadores termina por favorecer a violência. O fato ocorreu em uma sala de música, onde a professora falou:

Acho que vocês não sabem onde estão. Pensam que estão no recreio? Não, vocês estão em sala de aula! Se vocês estivessem no recreio, daí sim, poderiam brincar, bater um no outro, se estapear, fazer o que quisessem. Mas não aqui. (GALVÃO,2004, p. 87).

Percebe-se que a professora no intuito de controlar a turma usa uma linguagem que favorece a violência quando fala que as crianças podem fazer o que bem quiserem fora da sala de aula, todavia só não pode acontecer na aula. Ora, esta atitude é grave porque os educadores devem ensinar aos alunos a ter práticas educativas que visem a formação dos mesmos voltada para um posicionamento contra a violência.

É importante ressaltar outro fato apresentado no texto que mostra uma cena na hora do recreio:

“De todos os recreios em que estive presente, não observei nenhum em que crianças não jogassem areia ou pedra; o que varia é a intensidade com que isso ocorre. É iminente o risco de alguém próximo ou envolvido nos combates se machucar, vítima de alguma pedrada”. (GALVÃO, 2004, p. 63).

Desta forma as atividades realizadas na escola devem ter como norte as brincadeiras visto que na sala de aula há uma tensão muito grande por fazerem atividades supervisionadas pelo professor enquanto que no recreio as crianças têm uma interação maior entre si, descarregando assim sua tensão motora.

Diante disso, a autora fala acerca da sua inquietação quanto à postura dos educadores que afirmavam ser uma perda de tempo falar com as crianças sobre o tipo de brincadeiras realizadas. Isso fez com que ela saísse da sua posição de observadora ao ponto de intervir, criando assim um desenho na areia a fim de que as crianças jogassem as pedras no mesmo, contendo a necessidade motora e evitando que se machucassem. Assim, ela teve a sua brincadeira aceita pelas as crianças e ela pôde concluir que:

“Era possível diminuir as atitudes agressivas e de impulsividade mediante propostas de atividade que contemplassem o objetivo de expansão do movimento ou então que dessem um caráter organizado e lúdico à atitude de atirar pedras e areia”. (GALVÃO, 2004, p.65).

A atitude citada acima foi observada por Galvão em uma das suas pesquisas. Esta nos remete à questão do movimento e da contenção motora, do quanto isto deixa de ser conflituoso e passa a ser violência dentro das instituições, para os educadores quase tudo é válido para conter todos nas carteiras, acreditando na melhor qualidade da aprendizagem, mas estudos comprovam que esta concepção é errônea. Sobre esta questão Galvão, destaca que:

Um sobrevoo por situações não escolares confirma o equívoco da relação suposta pelo meio escolar e mostra como a variação postural e o movimento propriamente dito podem, ao contrário, favorecer a atenção e a aprendizagem. (GALVÃO, 2004, p.69).

Diante do exposto pode-se perceber que as estruturas dos espaços educativos não contribuem para que haja a possibilidade de favorecer os movimentos infantis. Isto pode ser constatado em escolas de educação infantil atualmente onde as salas são sempre compostas por mesas, cadeiras, impossibilitando assim atividades que envolvam o corpo. De fato, este dilema permeia nos espaços educativos, todavia é preciso mudar esta realidade, proporcionando às crianças um ambiente adequado que tenha estrutura para a realização de atividades que envolvam o corpo, permitindo a realização de seus movimentos no espaço educativo que contribuam para sua aprendizagem, desenvolvimento e liberdade de expressão.

### **3. A CORPOREIDADE DO SUJEITO É SINÔNIMO DE INDISCIPLINA**

Segundo Figueiredo (2009, p. 20), o ambiente escolar em sua construção tradicional é regulador, imobilizador e disciplinador do corpo. Diante disso, é possível pensar que a sala de aula seja o espaço de controle da corporeidade das crianças. Portanto, pressupõe-se que, a indisciplina seja a descorporificação da criança, ou melhor, aquelas que não aceitam as imposições da escola, que não se deixam levar pela passividade e submissão, que resistem em defesa de sua corporeidade, são discriminadas de muitas maneiras: são rotulados como maus alunos, bagunceiros; recebem notas baixas; assinam caderninhos; seus pais são chamados, sofrem suspensões e até mesmo são expulsos da escola. (FIGUEIREDO, 2009, p.32).

Neste sentido, focado na imposição da disciplina do silêncio, aprisiona as corporeidades e, com isto, a espontaneidade e a criatividade da criança. Assim, a escola, para o autor, imobiliza os alunos com o objetivo de racionalizar seus movimentos, enfatizando a produção de gestos mecânicos e estereotipados. A escola descorporifica o sujeito que aprende, na medida em que não inclui o corpo e o movimento como parte integrante das aulas e/ou, quando os movimentos são permitidos, acabam provocando “catarse” através de empurrões, gritaria exacerbada, avidez por todo tipo de expressão, reforçando a ideia do quanto o movimento corporal atrapalha o trabalho desenvolvido pela escola. Com o tempo, cada um aprende a desconsiderar o próprio corpo, as relações com os demais saberes socialmente construídos e as múltiplas possibilidades de movimentos.

A criança, por exemplo, brinca, cria atividades e se organiza em suas atividades corporais; porém, ao chegar à escola, é impedida de assumir sua corporeidade anterior. E mais: ela passa a ser violentada, através das longas horas que fica imobilizada na sala de aula. Isto vai de encontro ao processo de vida, de experiências e de desenvolvimento até então vivido. Desse modo, fica extremamente difícil falar em educação quando o corpo está ausente, ou pior, quando é considerado um intruso, que deve permanecer quieto para não atrapalhar. (Freire, apud Figueiredo 2009).

Segundo Figueiredo (2009):

A ação pedagógica da escola, baseando-se no princípio de que as crianças da periferia não têm conhecimentos, lhes impõe atitudes corporais as boas maneiras no falar, caminhar, sentar-se, alimentar-se, brincar, etc., que são completamente diferentes de suas experiências vivenciadas fora da escola. Aquelas que não aceitam as imposições da escola, que não se deixam levar pela passividade e submissão, que resistem em defesa de sua corporeidade,

são discriminadas de muitas maneiras: são rotulados como maus alunos, bagunceiros; recebem notas baixas; assinam caderninhos; seus pais são chamados, sofrem suspensões e até mesmo são expulsos da escola. (FIGUEIREDO, p.32).

Deste modo, aceitar que o corpo aprende é superar o dualismo psicofísico do corpo-alma que compreendia o corpo como o local do afetivo, do emocional e do interior. Entretanto, o corpo da aprendizagem representa o local do conhecimento, sendo: intelectual, cognitivo e social. A aprendizagem é assim um processo do corpo.

Figueiredo (2009) ainda afirma que:

Os alunos são induzidos a responderem aquilo que o professor quer ouvir, geralmente uma resposta que ele já sabe. Duvidar, criticar as atividades tidas como corretas é visto até como um ato de indisciplina e, muitas vezes, aqueles que se atrevem a resistir e contestar são punidos, discriminados e rotulados de maus alunos. (Figueiredo, p. 20).

Neste sentido, pensar o corpo no cotidiano escolar, ou seja, naquilo que é habitual, presente na vivência do dia a dia é pensar o ser humano em suas implicações cognitivas, sensitivas e afetivas. Corpo como lugar fundamental para o entendimento sobre o mundo e essencial na produção de conhecimento, conseqüentemente o lugar onde a educação e o ambiente escolar devem se apropriar e experimentar. Tendo como norteador deste processo a escolarização e a aprendizagem. Nessa perspectiva pressupomos ser possível diminuir a indisciplina escolar, mediante as propostas de atividades que contemplem o objetivo de expansão do movimento ou então atividades que tenham um caráter lúdico.

Segundo Galvão (2004, p.73)

“Assumir esse objetivo implica uma mudança na forma como essa habilidade é normalmente tratada no meio escolar, que sempre atribui a fatores externos a série anterior ou família a responsabilidade pelo seu desenvolvimento”. (GALVÃO, 2004, p.73).

Deste modo, atribuir a fatores externos como família, social-econômico, como responsável pela indisciplina escolar é desconsiderar que a consolidação da possibilidade de controlar sua própria ação mental e motora se desenvolve lenta e gradualmente, e que impor uma necessidade de contenção muito superior às possibilidades atuais da criança equivale a colocá-la diante de uma exigência impossível de ser atendida.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A questão do corpo no ambiente escolar é um tema que precisa ser abordado na formação acadêmica dos professores a fim de que os mesmos estejam preparados para se portar diante da realidade dos alunos. O corpo deve ser entendido como local de aprendizagem e é por este motivo que os educadores devem favorecer atividades escolares que faça o uso do mesmo a fim de que haja uma educação eficiente.

Alguns professores por não terem a oportunidade de conhecer que na educação infantil é preciso trabalhar atividades que envolvam o corpo, usam o método tradicional de ensinar as crianças apenas a ler e a escrever. Diante disso, quando os alunos agem de forma diferente do esperado como correr, brincar, falar, os educadores os taxam de indisciplinados porque estão atrapalhando a aula. Na verdade, estes alunos, acostumados a realizar atividades envolvendo o corpo em casa, necessitam que os professores continuem esta formação de forma direcionada por meio da utilização de atividades que ajudem a desenvolver a coordenação motora como também trabalhar conteúdos que ensinam lições de vida de forma mais interessante por meio do lúdico.

É por este motivo que este artigo indicou que os alunos não podem ser vistos como indisciplinados, pois os conteúdos desenvolvidos em sala de aula não foram apropriados para a fase em que eles se encontravam e, por conseguinte, agiam de forma como desejavam conhecer o mundo, utilizando o corpo. Deste modo, é preciso que a formação dos professores da educação infantil seja revista urgentemente, fazendo com que os educadores do mundo hodierno estejam preparados para ajudar aos alunos, direcionando-os a aprenderem o mundo em que eles estão inseridos por meio de métodos que envolvam o corpo, tornando o ensino mais eficaz.

É necessário que nas escolas, tanto públicas como privadas, haja condições para que os professores desenvolvam estas atividades como um espaço adequado: brinquedos, materiais lúdicos, entre outros. Sem dúvida uma educação de qualidade depende da colaboração de pais e professores que necessitam constantemente favorecer as condições necessárias para que as crianças possam de fato conhecer este mundo, como também saber agir diante dele. Porém, no contexto escolar, a responsabilidade pedagógica para que os processos educativos não favoreçam a “indisciplina” no aluno e entre alunos, deve ser uma responsabilidade compartilhada

por todos os atores sociais que compõem a escola, para evitar que a concepção de aluno indisciplinado seja um estigma atribuído exclusivamente ao aluno.

## **REFERÊNCIAS**

COHN, C. **Antropologia da criança**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

FIGUEIREDO, Márcio Xavier Bonorino. **A corporeidade na escola: brincadeiras, jogos e desenhos**. 6º ed. Pelotas: Editora Universitária – Ufpel, 2009.

GALVÃO, Izabel. **Cenas do cotidiano escolar: conflito sim, violência não**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.